

AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NO ENSINO SUPERIOR QUANDO É O MOMENTO CERTO PARA SE USAR AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS NO ENSINO SUPERIOR?

Katiucia Oliskovicz – Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande - unidade II

Carla Dal Piva – Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande - unidade II

RESUMO: Levando-se em conta a preocupação que os professores mais antigos em exercício, assim como os que acabam de sair da graduação apresentam quanto à escolha das técnicas de ensino para se utilizar em sala de aula, o presente artigo tem como objetivo geral aprofundar os estudos sobre o uso de algumas estratégias didáticas que podem ser utilizadas como recursos pelos professores para transmitir seus conhecimentos e práticas pedagógicas em busca da eficácia do ensino-aprendizagem. Para a composição deste artigo, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre o tema na literatura específica, onde se objetivou buscar informações que pudessem subsidiar os conceitos pré-existentes referente ao tema abordado. Porém, vale ressaltar, que essas escolhas ficam cada vez mais fáceis de fazer com os anos no ensino, ou seja, a experiência da prática dentro de uma classe. É através das tentativas de erros e acertos que os professores aprimoram suas técnicas em sala de aula.

ABSTRACT: Taking into account the concern that the older teachers in office, as well as those just out of graduate show in the choice of teaching techniques to use in the classroom, this article aims to deepen the general studies on the use of some teaching strategies that can be used as resources for teachers to convey their knowledge and pedagogical practices in pursuit of effective teaching and learning. For the composition of this article, we performed a brief literature review on the subject in the literature, which aimed to gather information that could support the pre-existing concepts concerning the subject. However, it is noteworthy that these choices are becoming easier to do with years of teaching, ie, the experience of practice within a class. It is through trial and error attempts that teachers improve their techniques in the classroom.

PALAVRAS-CHAVE:

Estratégias didáticas; professores universitários e ensino superior.

KEYWORDS:

Teaching strategies; academics and higher education

Artigo Original

Recebido em: 30/04/2012

Avaliado em: 06/08/2013

Publicado em: 04/06/2014

Publicação

Anhanguera Educacional Ltda.

Coordenação

Instituto de Pesquisas Aplicadas e Desenvolvimento Educacional - IPADE

Correspondência

Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas - SARE
rc.ipade@anhanguera.com

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo prevaleceu no âmbito do ensino superior a crença de que, para se tornar um bom professor de ensino superior, bastaria dispor de comunicação fluente e sólidos conhecimentos relacionados à disciplina que pretendesse lecionar (GIL, 2008). Porém, o professor universitário, necessita não apenas de sólidos conhecimentos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz.

Baseando-se na seguinte afirmação realizada por Onuchic e Botta (1997), onde eles dizem que é preciso que os professores e demais educadores reconheçam as dificuldades dos alunos, o presente artigo tem como objetivo aprofundar os estudos sobre o uso de algumas estratégias didáticas que podem ser utilizadas como recursos pelos professores para transmitir seus conhecimentos em sala de aula e que infelizmente acabam sendo esquecidas pelos mesmos durante a realização das suas aulas no decorrer do ano letivo.

Para a composição deste artigo, foi realizada uma breve revisão bibliográfica sobre o tema na literatura específica, onde se objetivou buscar informações que pudessem subsidiar os conceitos pré-existentes referente às estratégias didáticas que podem ser utilizadas por professores universitários. Entre as literaturas consultadas, encontravam-se livros e artigos publicados dentro do tema da pesquisa, além de um breve relato pessoal como docente de nível superior.

Desta forma, no seu decorrer, o presente texto discutirá a importância das estratégias didáticas, em seguida se analisará as estratégias de ensino e seu uso adequado, onde este tópico será subdividido em três métodos de ensino, entre elas: individualizantes, socializantes e sócio-individualizantes. E por fim, fechando o artigo com as considerações finais esboçando nesse trecho, experiências pessoais vivenciadas nesse início de carreira como professora universitária.

2. A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

Segundo Haydt (2006), didática é uma seção do ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento, definindo-se assim, como a ciência e a arte do ensino. Para Masetto (2003), didática é o estudo do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados e surge, segundo Libâneo (1994), quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens, através da direção deliberada e planejada do ensino. Em palavras mais simples, didática seria o caminho e recursos que o professor deve utilizar para que o aluno possa aprender o conteúdo de forma mais rápida e eficiente, e de preferência, sem a famosa decoreba, mas sim, através das experiências vivenciadas. É interessante ressaltar, que ensinar

e aprender são como as duas faces de uma mesma moeda, uma vez que a didática não pode tratar do ensino, por parte do professor, sem considerar simultaneamente a aprendizagem por parte do aluno (MINICUCCI, 2001).

Para Lowman (2007), embora as salas de aulas na universidade sejam arenas dramáticas com objetivos intelectuais, os relacionamentos estabelecidos entre os professores e os alunos são mais importantes do que aqueles que se estabelecem entre o ator e os espectadores. Segundo esse mesmo autor, os cursos universitários são ambientes onde inevitavelmente ocorre uma miríade de encontros interpessoais, alguns fugazes e outros envolventes. E como em todos os encontros humanos, não fugindo a regra, tanto os professores quanto os estudantes, utilizam-se de estratégias para maximizar sentimentos positivos e minimizar os sentimentos negativos sobre si mesmos (GIL, 2008).

Embora os grupos tenham diferentes interesses interpessoais, Becker (1994), afirma que ambos procuram satisfazer às necessidades humanas básicas de afeição e controle. Sendo assim, as maneiras pelas quais os professores e os estudantes satisfazem essas necessidades produzem fenômenos interpessoais previsíveis, e que acabam influenciando o grau e as condições em que os alunos são motivados a dominar o conteúdo colocado a sua frente (CUNHA, 1988). Quando o professor é bem aceito pela sala, é evidente que a sua transmissão de conhecimento é mais rapidamente absorvida pelos alunos, porém, quando o professor não consegue fazer com que a sala lhe aceite, a barreira dessa transmissão é mais forte, e as dificuldades são maiores, quanto por parte do professor quanto por parte do aluno.

Prender a atenção de uma platéia é a primeira coisa para qualquer artista, incluindo os professores universitários. Para Berbel (2001), quase todos os estudantes prestam atenção ao professor por alguns minutos, mas a maioria não continua a prestar atenção se a aula tornar-se chata.

Sendo assim, professores universitários precisam estimular a emoção para envolver totalmente a atenção do aluno no conteúdo ou nos exercícios de aprendizagem selecionados (BORDENAVE; PEREIRA, 2001). Desta forma, existem vários recursos para se prender a atenção dos alunos durante a aula, uma delas, é o uso da voz. Além de saber usar a altura da voz, a técnica da inflexão é muito eficiente, e para isso, basta dar mais ênfase a algumas palavras do que outra. Segundo Candau (1986), uma fala com pouco ou nenhuma ênfase provavelmente não vai envolver e reter a atenção dos alunos por muito tempo. Desta forma, a simples prática da inflexão pode evitar que os alunos dispersem ou entrem num estado de sonolência, deixando-os assim, poucos produtivos.

Além do uso correto da voz, o professor deve saber utilizar de seus gestos. Para Berbel (2001), os estudantes reagem àquilo que vêem, assim como àquilo que ouvem e, como a fala, e o movimento do corpo pode reforçar a mensagem ou desviar a atenção daquilo que se pretende transmitir. Assim, gestos de mais ou gestos de menos, podem atrapalhar o

desenvolvimento da aula, por isso, o professor deve estar sempre atento aos seus movimentos, mantendo assim sempre que possível, um meio termo nos seus gestos.

Porém, falar claramente com variedade e projeção de voz, assim como os movimentos adequados, ajuda a envolver uma platéia, mas uma qualidade adicional, que é tão importante quanto esses dois recursos já supracitados (voz e o gesto), é o uso do contato visual (CANDAUI, 1986).

Para Piletti (1999), nossos rostos revelam mais sobre o que estamos pensando do que qualquer outra parte de nossos corpos. Porém, alguns professores evitam olhar nos olhos dos alunos, olhando habitualmente para um lado, para o teto ou para o chão, após uma olhada rápida, sem foco, pela classe. Assim como também muitos alunos se sentem igualmente desconfortáveis com o contato visual direto e vão desviar seus olhos se o professor olhar diretamente para eles (CANDAUI, 1986). Entretanto, o conato visual, é o melhor modo de se avaliar o impacto daquilo que nós professores, estamos dizendo ou fazendo para os alunos.

Cunha (1988) acredita que o professor tradicional é um homem feliz, pois não precisa escolher entre as várias atividades possíveis para ensinar um assunto, pois para ele, a única atividade válida é a exposição oral. Ao contrário de um professor moderno, uma vez que, a escolha adequada das atividades de ensino é uma etapa muito importante de sua profissão. Pois a idoneidade profissional do professor se manifesta na escolha das estratégias de ensino adequadas para o que se espera atingir, entre eles: aos objetivos educacionais, os conteúdos da matéria e aos alunos propriamente ditos. Porém, é importante lembrar aos professores, que o uso constante das técnicas pode acabar tornando as suas aulas ao longo do ano muito previsível e assim, sem novas perspectivas, os alunos podem perder o interesse pelas suas aulas. Às vezes, uma simples aula expositiva, onde o aluno apenas irá escutar e copiar tópicos importantes do quadro negro vale mais do o excesso de uso dos recursos pedagógicos.

Segundo Rogers (1986), para aqueles professores que tiveram uma formação pedagógica adequada durante a sua graduação, a escolha dessas estratégias didáticas parece um processo tão simples que não merece o título de “problema”. Entretanto, para os numerosos professores universitários que mergulham ou foram mergulhados no magistério, sem treinamento pedagógico, o problema é complexo e chega a ser atemorizador e inibidor, salvo algumas exceções de profissionais que mesmo não tendo uma formação pedagógica adequada, apresentam o “dom” de ensinar.

Durante muito tempo, os estudos relacionados ao aprendizado apareceram desvinculados dos estudantes sobre ensino. Os manuais de didática apresentavam aos professores um conjunto de métodos e técnicas de valor universal, capazes de ensinar tudo a todos (ABREU, 1995). Mas, como consequência, poucos professores sentiam necessidade de considerar as características pessoais dos estudantes, seus interesses e motivações para planejar suas atividades (PILETTI, 1999). A sorte, é que novos modelos educacionais, estão

sendo apoiados em pesquisas científicas, e estas, vêm contribuindo significativamente para mudar essa visão dos educadores.

A seguir, estaremos abordando a importância da escolha e do uso de algumas técnicas de ensino disponíveis na literatura referente às estratégias de ensino, que o professor universitário poderá utilizar em sala de aula para melhorar a sua didática perante seus alunos, facilitando assim, o aprendizado dos mesmos.

3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO E SEU USO ADEQUADO

Sabe-se hoje que, ao contrário das concepções tradicionais, o ato de ensinar não implica necessariamente o aprendizado daquele que o recebe. Numa situação de aprendizagem, o centro essencial da atividade não está naquele que ensina, mas naquele que aprende (BORDENAVE; PEREIRA, 2001). Assim, não há como deixar de considerar que o aprendizado dos estudantes é influenciado pela maneira de como o professor procura adequar às estratégias de ensino às necessidades e às expectativas dos estudantes.

Desta forma, cabe ao professor, ter a competência para diagnosticar as necessidades e as expectativas dos estudantes para escolher as medidas educativas mais adequadas para serem utilizadas dentro da sala de aula ao longo das suas aulas dentro da sua disciplina específica.

O conceito de aprendizagem é um dos mais utilizados nas obras que tratam de Educação, porém, de uma forma muito limitada, pois costuma ser confundido com o de aquisição de conhecimento (PILETTI, 1999). Para Libâneo (1994), o conceito de aprendizagem é mais amplo, uma vez que se refere a um processo permanente que se inicia com o início da vida e só termina com a morte.

Há inúmeros fatores, dentro dos indivíduos e mesmo fora deles, que influenciam sua habilidade para aprender. Os mais conhecidos são os fatores cognitivos como a inteligência e a criatividade. Porém, para Becker (1994), há, no entanto, muitos outros de igual relevância com os quais se tem menos familiaridade, como: a motivação, a concentração, a idade, o sexo, o ambiente social, os hábitos de estudo e a memória.

Procedimentos de ensino, estratégias, métodos e técnicas, são alguns dos termos utilizados para designar aspectos relativos à idéia de “como ensinar”. Todavia, vamos esclarecer o significado de cada um desses termos: *estratégia* (é uma palavra emprestada da terminologia militar e trata-se de uma descrição dos meios disponíveis pelo professor para atingir os objetivos específicos); *método* (é o caminho a seguir para alcançar um fim, e ele indica as grandes linhas de ação, sem se deter em operacionalizá-la); *técnica* (é a operacionalização do método, por exemplo, se um professor quer utilizar um método ativo para atingir seus objetivos, poderá operacionalizá-lo através da utilização das diferentes técnicas de dinâmica

em grupo) e; *procedimentos* (é a maneira de efetuar alguma coisa, consiste em descrever as atividades desenvolvidas pelo professor e as atividades desenvolvidas pelos alunos).

Na medida em que os métodos da escola tradicional se revelaram inadequados às características da sociedade em transformação, surgiram os métodos novos que procuram apoiar-se na estrutura psicológica do aluno (LOWMAN, 2007). E com o desenvolvimento cada vez maior das ciências da educação, é natural que os métodos também passem a ser afetados pelos novos conhecimentos que se adquirem dia a dia a respeito da aprendizagem. E esses métodos ganham cada vez mais sofisticação, à medida que passam a ser equacionados em termos de tecnologias que perseguem fins viáveis. Lembro-me da minha época de graduação, há uns sete anos atrás, onde o recurso do projetor multimídia (*data show*) não era muito disponível dentro da Instituição de ensino, uma vez que existiam poucos exemplares, e os alunos eram acostumados a ter sempre presente junto ao seu material diário, folhas transparentes (plásticos) e caneta de retro projetor, caso um professor quisesse realizar uma dinâmica em sala e no final desta, essa atividade exigisse uma explanação dos alunos perante a classe. Então, os grupos montavam de uma forma improvisada, os *slides* com os principais tópicos nas folhas de plástico e fazíamos à explicação final para a turma.

Mas, decidir qual método específico de ensino em uma aula é muito mais fácil, uma vez que você especifique o que quer que seus estudantes saibam ou sejam capazes de fazer ao final da aula. Selecionar métodos pode também ser criativo se você estiver ciente do grande número de métodos atualmente disponíveis para organizar a sua turma. Vale lembrar-lhe que nenhum método isolado é o melhor modo de ensinar. Cunha (1988), afirma que, o mais importa são as habilidades gerais de comunicação do professor, a capacidade para motivar os estudantes além de sua dedicação ao ensino.

Os métodos e técnicas não são neutros, pois estão baseados em pressupostos teóricos implícitos. Além do mais, sua escolha e aplicação depende dos objetivos estabelecidos. Por isso, ao escolher uma estratégia de ensino, o professor deve considerar, como critério de seleção, os seguintes aspectos básicos:

- A. Adequação aos objetivos estabelecidos para o ensino e a aprendizagem.
- B. A natureza do conteúdo a ser ensinado e o tipo de aprendizagem a efetivar-se.
- C. As características dos alunos, como, por exemplo, sua faixa etária, o nível de desenvolvimento mental, o grau de interesse, suas expectativas de aprendizagem.
- D. As condições físicas e o tempo disponível.

É a partir desses aspectos que se estabelece o como ensinar, ou seja, é que se definem as formas de intervenção na sala de aula para ajudar o aluno no processo de reconstrução do conhecimento (LOWMAN, 2007).

Quanto à classificação dos métodos de ensino, o presente artigo, irá, basear-se segundo a professora Carvalho (1973), que em seu livro – *O processo didático* – clássica os métodos de

ensino da seguinte forma: métodos individualizantes de ensino, métodos socializantes de ensino e métodos sócio-individualizantes de ensino, onde estes serão, brevemente descritos a seguir.

3.1. Métodos Individualizantes de Ensino

São aqueles que valorizam o atendimento às diferenças individuais e fazem à adequação do conteúdo ao nível de maturidade, à capacidade intelectual e ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, considerando individualmente. Carvalho (1973), afirma que:

... a aprendizagem é sempre uma atividade pessoal, embora muitas vezes se realize em situação social. Por isso, as tarefas ou deveres escolares, a pesquisa bibliográfica, as sessões de trabalho em oficinas ou laboratórios, os exercícios efetuados na sala de aula ou fora dela, as revisões ou recapitulações periódicas, são atividades discentes individualizadas, mesmo quando os alunos estejam agrupados em um local, e haja entre eles processos interativos. A situação pode ser socializada, mas a tônica recai no esforço pessoal, e a atividade de cada um tem conotações próprias, que refletem características individuais diversificadas. (CARVALHO, 1973, p. 193).

Entre os métodos individualizantes podemos citar: aulas expositivas e estudo dirigido.

Aulas Expositivas

É um procedimento de ensino mais antigo e tradicional, e também o mais difundido nos vários graus escolares, ou seja, desde o jardim de infância até nível universitário. Esse procedimento consiste na apresentação oral de um tema, logicamente estruturado. Desta forma, a exposição pode assumir duas posições didáticas: *exposição dogmática* (a mensagem transmitida não pode ser contestada, devendo ser aceita sem discussão e com a obrigação de repeti-la, por ocasião das provas de verificação); *exposição dialogada* (a mensagem apresentada pelo professor é um simples pretexto para desencadear a participação da classe, podendo haver, assim, contestação, pesquisa e discussão).

Na exposição dogmática o professor assume uma posição dominante, enquanto o aluno se mantém passivo e receptivo. Por outro lado, na exposição dialogada, o professor dialoga com a classe, ouvindo o que o aluno tem a dizer, fazendo perguntas e respondendo as dúvidas dos alunos. Desta forma, o aluno desempenha um papel mais ativo, pois participa da exposição do professor, fazendo comentários, relatando fatos, dando exemplos, argumentando, expondo suas dúvidas e respondendo perguntas.

A aula expositiva pode ser usada nas seguintes situações:

- Quando há necessidade de transmitir informações e conhecimentos seguindo uma estrutura lógica e com economia de tempo;
- para introduzir um novo conteúdo, apresentando e esclarecendo os conceitos básicos da unidade e dando uma visão global do assunto;
- para fazer uma síntese do conteúdo abordado numa unidade, dando uma visão globalizada e sintética do assunto.

As principais características de uma boa exposição didática são:

- Perfeito domínio e segurança do conhecimento que é o objeto da exposição;
- exatidão e objetividade dos dados apresentados;
- discriminação clara entre o que é essencial e o que é secundário;
- organicidade, ou seja, boa concatenação das partes e subordinação dos itens de cada parte;
- correção, clareza e sobriedade do estilo empregado;
- linguagem clara, correta e expressiva;
- conclusões, aplicações ou arremate definido.

Assim, para que a aula expositiva preencha os requisitos de uma boa exposição didática, recomenda-se que o professor prepare a aula com antecedência, considerando as características dos alunos e adaptando-a ao seu grau de desenvolvimento (sua faixa etária, os conhecimentos que já possuem sobre o conteúdo estudado, seus interesses e motivações). Ao planejar, o professor deve: definir os objetivos com clareza e precisão; selecionar as formas que pretende transmitir e organizar a seqüência de idéias em função do tempo disponível; escolher e criar exemplos adequados e esclarecedores; apresentar o assunto que vai ser abordado no decorrer da exposição, mostrando suas ligações com os temas já estudados; introduzir o conteúdo partindo dos conhecimentos e experiências anteriores; destacar e fixar as idéias mais importantes, registrando-as no quadro-negro; estimular a participação dos alunos; usar linguagem simples e coloquial, indo direto ao assunto; usar bom humor quando achar oportuno e prever os materiais e os recursos audiovisuais a serem utilizados.

Porém, qualquer que seja a forma de organização escolhida, um aspecto deve ser sempre cuidado pelo professor: a articulação do todo deve ser destacada de maneira nítida. E cabe ressaltar, que a exposição deve ser limitada no tempo, em função do nível de maturidade dos alunos, e deve ser sempre alternada com outras técnicas didáticas.

Estudo Dirigido

O estudo dirigido surgiu da necessidade de transmitir aos alunos técnicas de estudo, isto é, de ensiná-los a estudar. Ele consiste em fazer o aluno estudar um assunto a partir de um roteiro elaborado pelo professor. E este roteiro, estabelece a extensão e a profundidade do estudo.

Há diversos tipos de modalidades de estudos dirigidos, uma vez que o professor pode elaborar um roteiro contendo instruções e orientações para o aluno, entre eles: ler um texto e depois responder às perguntas; manipular materiais ou construir objetos e chegar a certas conclusões; observar objetos, fatos ou fenômenos e fazer anotações e realizar experiências e fazer relatórios, chegando a certas generalizações.

O professor deve procurar elaborar roteiros contendo tarefas operatórias que mobilizem e dinamizem as operações cognitivas, ou seja, que se referem à mobilização e ativação de operações mentais do aluno. Desta forma, as tarefas operatórias, estabelecidas por meio de questões ou problemas a resolver nos roteiros ou guias de estudo, indicam quais os esquemas assimiladores que estão sendo mobilizados durante o trabalho mental do aluno. O Quadro 1 a seguir, trás algumas sugestões de tarefas operatórias.

Quadro 1 – Exemplos de sugestões de tarefas operatórias.

SUGESTÕES DE TAREFAS OPERATÓRIAS	
Operações Cognitivas	Tarefas Operatórias
Analisar	Decompor objeto ou sistemas em elementos constitutivos; enumerar qualidades, propriedades; descrever, narrar, etc.
Sintetizar	Reduzir a elementos fundamentais ou essenciais; escolher, selecionar elementos segundo certos critérios; reduzir a esquemas, quadros sinóticos, sumários; condensar, compreender, etc.
Representar	Interpretar ou exprimir graficamente (croquis, gráficos, diagramas, cortes, cartas, etc.) ou por símbolos.
Conceituar e definir	Explicar, analisar ou desenvolver conceitos de modo lógico ou operacional.
Provar	Justificar, esclarecer, fundamentar e defender pontos de vista, etc.
Julgar	Avaliar; discutir e atribuir valores; apreciar; criticar.
Induzir	Observar; experimentar; propor hipóteses; comprovar hipóteses pela experiência etc.
Deduzir	Compreender relações necessárias; justificar logicamente; demonstrar etc.

Fonte: Baseado em Castro (1974)

Na prática, essas operações mentais conjugam-se e relacionam-se de várias maneiras, e raramente uma tarefa requer apenas uma delas. É comum uma tarefa exigir duas ou mais operações cognitivas.

3.2. Métodos Socializantes de Ensino

São métodos que valorizam a interação social, fazendo a aprendizagem efetivar-se em grupo. Incluem as técnicas de trabalho em grupo, estudo de casos, estudo do meio e aulas práticas.

Trabalho em Grupo

Grupo é o conjunto de duas ou mais pessoas em situação de interação e agindo em função de um objetivo comum. Em termos didáticos, os principais objetivos do trabalho em grupo são: facilitar a construção do conhecimento; permitir a troca de idéias e opiniões; possibilitar a prática da cooperação para conseguir um fim comum.

Ao participar dessa troca de experiências, o indivíduo precisa organizar seu pensamento a fim de exprimir suas idéias de forma a serem compreendidas por todos. Sendo assim, na dinâmica do trabalho em grupo, o aluno fala, ouve os companheiros, analisa, sintetiza e expõe idéias e opiniões, questiona, argumenta, justifica e avalia. Desta forma, esse método contribui para o desenvolvimento das estruturas mentais do indivíduo, mobilizando seus

esquemas operatórios de pensamento, além de contribuir para o desenvolvimento dos esquemas cognitivos.

Vale ressaltar, que o trabalho em equipe favorece a formação de certos hábitos e atitudes de convívio social, como:

- Cooperar e unir esforços para que o objetivo comum seja atingido;
- planejar, em conjunto, as etapas de um trabalho;
- dividir tarefas e atribuições, tendo em vista a participação de todos;
- aceitar e fazer críticas construtivas;
- ouvir com atenção os colegas e esperar a sua vez de falar;
- respeitar a opinião alheia, e;
- aceitar a decisão quando ficar resolvido que prevalecerá a opinião da maioria.

Ao utilizar o trabalho em grupo na sala, o professor precisa se conscientizar de que não está apenas aplicando mais um recurso didático para a construção do conhecimento, mas está lançando mão de um poderoso instrumento formador de hábitos de estudo e atitudes sociais.

A seguir, algumas sugestões para a realização do trabalho em grupo:

- Como formar as equipes (estas podem constituir-se aleatoriamente ou por afinidades), e;
- como orientar os alunos (em conjunto com os alunos, estabelecer normas de condutas e padrões de comportamento necessários para o bom desempenho de cada membro dentro do grupo como um todo).

São muitas as técnicas propostas e sistematizadas pelos especialistas em dinâmicas de grupo, desta forma, serão expostas de uma forma bem sucinta, as mais usadas na área da educação:

Discussão em pequenos grupos

Consiste em estudar e analisar um assunto em grupos pequenos que variam de cinco a oito pessoas, sendo recomendado para situações que exigem: coleta e sistematização de dados e informações; resolução de problemas; tomada de decisões e realizações de tarefas. Além disso, os membros podem desempenhar certos papéis para facilitar o andamento do trabalho e aumentar sua produtividade.

Simpósios

É uma série de breves apresentações de diversas pessoas sobre diferentes aspectos de um mesmo tema ou problema. Ele pode ser realizado durante um mesmo dia ou durante vários dias seguidos. No dia marcado para a realização do simpósio, cada um faz uma exposição de 10 a 20 minutos sobre o tema e no final da apresentação, os demais alunos da classe

formulam perguntas aos expositores. Para melhor controle do tempo, pode-se escolher um aluno para ser o mediador, controlando assim o tempo de cada expositor e organizar o debate final.

Painel

É uma conversa ou discussão informal que se estabelece entre um grupo de pessoas conhecedoras de um assunto, na frente de uma platéia, que em seguida apresenta suas perguntas. O grupo encarregado do painel deve constituir-se de três a seis componentes.

Seminário

No seminário, um aluno ou um grupo de alunos ficam encarregados de fazer uma pesquisa sobre determinado assunto, e posteriormente acabam expondo o tema da pesquisa para toda a classe. A utilização da técnica do seminário contribui para o desenvolvimento do espírito de pesquisa, levando o educando a coletar material para análise e interpretação e fazendo com que ele sistematize as informações coletadas para posterior exposição e transmissão.

Tempestade cerebral (*brainstorming*)

Consiste na apresentação livre de idéias ou de alternativas de solução para um determinado problema, dando margem à imaginação criadora e sem se restringir aos esquemas lógicos de pensamento. Só após a apresentação livre das idéias é que elas serão submetidas a uma análise crítica. O objetivo básico desta técnica é o desenvolvimento da criatividade, pois dá ênfase ao surgimento de novas idéias e soluções, sem se prender às concepções preestabelecidas.

Vale ressaltar, que as técnicas não têm outra finalidade senão a de ajudar o funcionamento mais eficiente dos processos de manutenção e produtividade, facilitando a comunicação, a participação e a tomada de decisões. Desta forma, as técnicas são simples artifícios para o grupo realizar seus fins, ou seja, adquirir o conhecimento.

Estudos de Casos

Essa técnica consiste em apresentar aos alunos uma situação real, dentro do assunto estudado, para que analisem e, se for necessário, proponham alternativas de solução. Assim, acaba sendo uma forma de os alunos aplicarem os conhecimentos teóricos a situações práticas.

O estudo de casos é uma variação da técnica de solução de problemas e caracterizam-se, principalmente, pelo fato de as situações propostas serem reais ou baseadas na realidade. Em geral, a situação é apresentada aos alunos por escrito, em forma de descrição, narração, diálogo ou artigo jornalístico, porém, pode ser apresentada por meio de um filme.

O estudo de casos apresenta os seguintes objetivos básicos: oferecer oportunidade para que o aluno possa aplicar os conhecimentos assimilados a situações reais e criar condições para que o aluno exercite a atitude analítica e pratique a capacidade de tomar decisões.

Existem dois tipos de casos que podem ser propostos aos alunos, de acordo com o objetivo que se tem em vista: o *caso-análise* (tem como objetivo desenvolver a capacidade analítica dos alunos, e tudo que se pretende dos alunos é que a situação seja discutida, sem aspirar a chegar à solução alguma) e o *caso-problema* (tem como objetivo chegar a uma solução, a melhor possível dentro dos dados fornecidos pelo caso, além de desenvolver a capacidade de tomar decisões, de adotar uma linha de ação depois de analisar várias alternativas).

Estudo do Meio

É uma técnica que permite ao aluno estudar de forma direta o meio natural e social que o circunda e do qual ele participa. Além disso, é uma prática educativa que se utiliza de entrevista, excursões e visitas como formas de observar e pesquisar diretamente a realidade. No entanto, não se deve confundir como uma simples excursão, visita ou viagem. É uma atividade mais ampla, que começa e termina na sala de aula, embora se desenvolva em grande parte fora dela.

Como técnica pedagógica, o estudo do meio apresenta os seguintes objetivos:

- Criar condições para que o aluno entre em contato com a realidade circundante, promovendo o estudo de seus vários aspectos de forma direta, objetiva e ordenada;
- propiciar a aquisição de conhecimentos geográficos, históricos, econômicos, sociais, políticos, científicos, artísticos de forma direta por meio da experiência vivida, e;
- desenvolver as habilidades de observar, pesquisar, descobrir, entrevistar, coletar dados, organizar e sistematizar os dados coletados, analisar, sintetizar, tirar conclusões e utilizar diferentes formas de expressão para descrever o que observou.

O estudo do meio pode abranger várias disciplinas e áreas de estudo integrantes do currículo, permitindo que fatos e fenômenos, geralmente estudados na faculdade de modo isolado e compartimentalizado, possam ser observados e analisados de forma integrada e dentro de um contexto mais amplo, como se apresenta na realidade.

Essa técnica é dividida nas seguintes fases: planejamento, execução, exploração e apresentação dos resultados e avaliação. E o papel do professor é apenas de orientar e coordenar seu planejamento, execução e avaliação.

Aulas Práticas

As aulas práticas podem ajudar no desenvolvimento de conceitos científicos, além de permitir que os estudantes aprendam como abordar objetivamente o seu mundo e como

desenvolver soluções para problemas complexos. Outra vantagem importante, é que nas aulas práticas, o professor pode retornar um assunto já abordado, construindo com seus alunos uma nova visão sobre um mesmo tema.

Desta forma, quando compreende um conteúdo trabalhado em sala de aula, o aluno amplia sua reflexão sobre os fenômenos que acontecem à sua volta e isso pode gerar conseqüentemente, discussões durante as aulas fazendo com que os alunos, além de exporem suas idéias, aprendam a respeitar as opiniões de seus colegas.

3.3. Métodos Sócio-Individualizantes de Ensino

São os que combinam as duas atividades, a individualizada e a socializada, alternando em suas fases os aspectos individuais e sociais. Abrangem, entre outros, o método da descoberta, método de solução de problemas, método de projetos, perguntas e respostas e resumo.

Método da Descoberta

Consiste em propor aos alunos uma situação de experiência e observação, para que eles formulem por si próprios conceitos e princípios utilizando o raciocínio indutivo. O professor não transmite os conceitos e princípios de forma pronta e explícita. Ele cria situações de ensino nas quais os alunos observam, manipulam materiais, experimentam, coletam dados e informações, para depois sistematizá-los e chegarem às conclusões necessárias. Desta forma ele, por si mesmo, descobre, ou melhor, redescobre o conhecimento.

Analisando esse método, podemos afirmar que ele possui três características básicas: usa o procedimento indutivo; oferece ao aluno a possibilidade de uma participação ativa e encara o erro como sendo educativo.

Desta forma, o papel do professor é o de facilitador do processo de descoberta e aprendizagem, emitindo instruções claras e precisas, ajudando o aluno na generalização e sistematização dos novos conhecimentos adquiridos.

Método de Solução de Problemas

Consiste em apresentar ao aluno uma solução problemática para que ele proponha uma solução satisfatória, utilizando os conhecimentos de que já dispõe ou buscando novas informações através da pesquisa.

Esse método apresenta os seguintes objetivos: estimula a participação do aluno na construção do conhecimento; desenvolve o raciocínio e a reflexão; favorece a aquisição de conhecimento, possibilitando sua aplicação em situações práticas de solução de problemas e desenvolve a iniciativa na busca de novos conhecimentos, na tomada de decisão e na solução de problemas.

Método de Projetos

O ensino realiza-se através de amplas unidades de trabalho com um fim em vista e supõe a atividade propositada do aluno, isto é, o esforço motivado com um propósito definido.

O projeto é uma atividade que se processa a partir de um problema concreto e se efetiva na busca de soluções práticas. Ele se caracteriza por cinco aspectos básicos:

- O objetivo principal é o desenvolvimento do raciocínio aplicado à vida real, e não a simples memorização de informações;
- o ato problemático desencadeia o projeto, despertando o exercício do pensamento com valor funcional;
- a aprendizagem é realizada em situação real, integrando pensamentos, sentimentos e ação dos alunos;
- a informação é procurada e pesquisada pelo aluno a partir da necessidade de solucionar um ato problemático, e;
- o ensino é globalizado, criando condições para a interdisciplinaridade.

No método de projetos, a atividade do aluno é fundamental. O professor desempenha o papel de facilitador e orientador da aprendizagem, assistindo os alunos quando se fizer necessário.

Perguntas e Respostas

A aula expositiva pode ser enriquecida através da utilização da técnica de perguntas e respostas. Desta forma, essa técnica consiste em o professor dirigir perguntas aos alunos sobre algo que estudaram ou sobre suas experiências. Vale ressaltar, que ao fazer perguntas, o professor não deve ter o objetivo de julgar ou atribuir notas, mas sim, estimular a participação.

Podem-se resumir da seguinte maneira os objetivos da técnica de perguntas e respostas:

- Faz com que o aluno estude por conta própria, a fim de garantir confiança em sua capacidade de interpretar fontes de informações, sem a assistência do professor;
- facilita o desenvolvimento da capacidade de expressão do aluno;
- possibilita melhor conhecimento do aluno, seu tipo de personalidade, sua instrução e formação, o que facilitará a atividade didática.

A técnica também pode ser utilizada de maneira diferente, ou seja, os alunos perguntam e o professor responde. Assim, o professor pode orientar os alunos para que estudem determinado tema e, a seguir, lhes dá oportunidade para que perguntem sobre as dúvidas surgidas.

Resumos

O resumo exige a identificação das idéias principais e das relações que o aluno estabelece

entre elas, de acordo com seus objetivos de leitura e conhecimento prévio. Quando estas relações não se manifestam, deparamo-nos com um conjunto de frases justapostas, com um escrito desconexo e confuso no qual dificilmente se reconhece o significado do texto do qual procede.

Desta forma, o professor deve ajudar os alunos a elaborar resumos para que estes possam aprender. Não basta ensinar-lhes a aplicar determinadas regras, mas sim, ensinar-lhes a utilizá-las em função dos objetivos de ensino. Neste sentido, o resumo torna-se uma autêntica estratégia de elaboração e organização do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise das técnicas de ensino apresentadas neste presente artigo, surge a noção da necessidade de combiná-las dentro de uma estratégia geral de ensino, uma vez que a aprendizagem de qualquer assunto exigirá em geral o uso de várias atividades e não de uma só. Porém, a escolha de uma estratégia só depende do bom senso do professor e daquilo que ele pretende passar para seus alunos.

Nesses meus anos de docência tanto no ensino fundamental e médio e agora no ensino superior, tive a oportunidade de aplicar algumas estratégias didáticas mencionadas dentro do texto, entre elas: aulas expositivas; trabalho em grupo; estudo de caso; aulas práticas; métodos de projeto e resumo, porém, sempre de forma isoladas. E sempre ao termino dessas atividades, permanecia o sentimento de que alguma coisa ficou faltando para atingir por completo o aprendizado dos alunos. E após algumas reflexões realizadas depois das aulas, percebia que o erro dessa carência poderia estar ligado ao uso dessas técnicas separadamente. Desta forma, o uso em conjunto destas técnicas, como, aula expositiva seguida por uma aula prática ou trabalho em grupo seguido de um breve resumo relatando através dos principais pontos a realização da atividade anterior, pode beneficiar muito o enriquecimento da aula e de facilitar a compreensão do aluno para os conteúdos e conceitos ministrados.

Porém, vale ressaltar, que essas escolhas ficam cada vez mais fáceis de fazer com os anos no ensino, ou seja, a experiência da prática dentro de uma classe. É através das tentativas de erros e acertos que aprimoramos as nossas técnicas em sala de aula.

Segundo Haydt (2006), a aprendizagem ocorre quando o aluno participa ativamente do processo de reconstrução do conhecimento, aplicando seus esquemas operatórios de pensamentos aos conteúdos estudados. Por isso, a aprendizagem supõe atividade mental, pois aprender é agir e operar mentalmente, é pensar, é refletir.

Desta forma, o procedimento mais adequado à aprendizagem de um determinado conteúdo é aquele que ajuda o aluno a incorporar os novos conhecimentos de forma ativa, compreensiva e construtiva, estimulando o pensamento operatório. Para que a aprendizagem se torne mais efetiva, é preciso substituir, nas aulas, as tarefas mecânicas que apelam para

a repetição e a memorização, por tarefas que exijam dos alunos a execução de operações mentais.

Após tudo o que foi comentado anteriormente, não pretendemos, no presente artigo, esgotar a discussão sobre os métodos de ensino existentes. O que pretendemos é oferecer ao leitor, que certamente será um futuro professor, ou então já é um professor no exercício de suas funções, uma forma de reciclar os seus conhecimentos didáticos, através desse referencial básico para a análise e escolha de procedimentos que podem ser utilizados dentro da sala de aula.

Vale ressaltar que ainda, muitos professores na ativa hoje apresentam falta de preparação didática, pois demonstram insegurança em seu relacionamento com o aluno e, para manter a sua autoridade e sua auto-estima, acabam recorrendo a atitudes protetoras, tais como comunicação muito formal com os estudantes, exagero no nível de exigência nas provas, emprego de ironia e sarcasmo para dominar os rebeldes, e assim por diante.

Além é claro, da existência de um outro problema algumas vezes mencionado dentro do ensino superior, que é o caso do desentendimento crescente entre os professores velhos, conhecidos pelos seus métodos mais tradicionais, e os novos professores, que buscam estratégias mais inovadoras. Entretanto, nota-se que muitos professores novos, pela sua insegurança, acabam imitando os métodos de ensino dos professores mais antigos.

Baseado nisso tudo, é que buscamos através desse artigo, trazer novamente algumas estratégias que podem ter sido esquecidas por alguns professores ao longo dos seus anos de docência.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C; MASSETO, M. T. O professor universitário em sala de aula. 5 ed. São Paulo: M.G., 1995.
- BECKER, F. A epistemologia do professor. Petrópolis: Vozes, 1994
- BERBEL, N. A. N. Avaliação da aprendizagem no ensino superior. Londrina: UEL, 2001.
- BORDENAVE, J. D; PEREIRA, A. M. Estratégias de ensino-aprendizagem. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 312 p.
- CANDAU, V. M. F. A didática e a formação de professores – da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). A didática em questão. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARVALHO, I. M. O processo didático. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.
- CASTRO, A. D. et al. Didática para as escolas de 1º e 2º graus. São Paulo: Pioneira, 1974.
- CUNHA, M. I. O bom professor e sua prática. Campinas: Papirus, 1988
- GIL, A. C. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2008. 283 p.
- HAYDT, R. C. C. Curso de didática geral. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006. 327 p.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOWMAN, J. Dominando as técnicas de ensino. São Paulo: Atlas, 2007. 309 p.

MASETTO, M. T. Competência pedagógica do professor universitário. São Paulo: Summus, 2003.

MINICUCCI, A. Técnicas do trabalho em grupo. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ONUCHIC, L. L. R; BOTTA, L. S. Uma nova visão sobre o ensino e a aprendizagem dos números racionais. Revista de Educação Matemática, Publicação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, São Paulo, ano 5, n.3, p. 5-11, 1997.

PILETTI, C. Didática geral. São Paulo: Ática, 1999. 258 p.

ROGERS, C. Liberdade de aprender em nossa década. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.